

Andréa Lopes da Costa¹

UMA IGREJA CONSTRUÍDA ONTEM SOBRE RUÍNAS DE HOJE

Du Bois, William Edward Burghardt. (2024).

A Igreja Negra.

Tradução: Isaac Palma Brandão, Stefania Pereira da Silva, Damien Browne.

Revisão Técnica: Matheus Gato.

São Paulo: Editora Recriar.

Neste momento em que *A Igreja Negra*, de Du Bois, é traduzida e lançada no Brasil, estão em ebulição análises sobre as escolhas e os esquecimentos que a academia tem produzido ao longo dos séculos. Para o caso das Ciências Sociais e da Sociologia, em particular, esse movimento é especialmente relevante pois, não somente traz impacto para todo o conjunto epistemológico que constituiu o campo, mas, do mesmo modo, altera significativamente o eixo sobre o qual se sustentaram os relatos sobre a organização dos procedimentos para a fundação de uma ciência *da sociedade*, como costuma-se afirmar.

Essa fervura, na academia brasileira, foi potencializada por dois movimentos que começaram a tomar forma no início deste século: primeiro,

o adensamento da recepção, no país, das epistemologias do Sul Global, a princípio com as teorias pós-coloniais, no início dos anos 2000, e, com as perspectivas decoloniais e estudos subalternos, a partir da década seguinte. Tais epistemologias, propondo-se contra-hegemônicas, escrutinaram as narrativas que erigiram o mundo ocidental e encontraram na primazia da ciência, na defesa de um conhecimento eminentemente racional e no fazer científico pretensamente imparcial, parte das sustentações ideológicas para a difusão de uma visão de mundo imperialista e eurocêntrica, racializada (posto que sustentada na branquitude) e androcentrada.

Segundo, o estágio no qual se encontra o debate sobre raça e racismo no Brasil. Até o início dos anos 2000 a

literatura sobre teoria das relações raciais dedicava-se a compreender os efeitos da raça para a constituição da nação, a caracterizar as múltiplas dimensões das desigualdades aqui produzidas, ou ainda a inserir raça como categoria definitiva no léxico das relações sociais. Recentemente o campo dos estudos raciais tem dedicado esforços significativos para questionar o próprio conjunto teórico e epistemológico das ciências sociais, levando, por consequência, ao resgate de autores até então esquecidos, cujo exemplo mais notório é Guerreiro Ramos, mas também de Lélia Gonzáles e Beatriz Nascimento.

É nesse cenário, então, que encontramos *A Igreja Negra*, escrito como relatório de pesquisa no contexto da Escola de Atlanta. Não, o livro não pode ser associado às epistemologias do sul. Ao contrário, é legítima reflexão sobre a sociedade americana produzida no século XIX. Mas, justamente por esse motivo é, indiretamente, a confirmação daquelas perspectivas. Evidencia como a história do fazer científico e, em um limite, os próprios cânones, são produtos intencionais de ativação de memória hegemônica, resultando de um jogo sobre o que e quem queremos lembrar. E, por essa razão, William Edward Burghardt “W. E. B.” Du Bois e sua obra nos colocam diante de mais um elemento na desconstrução das narrativas clássicas sobre a sociologia.

Sob esse ponto de vista, *A Igreja Negra* pode ser analisada a partir de várias chaves. Entre as possíveis, como: fundadora da Sociologia da Religião; obra inaugural para uma Sociologia Urbana; pioneira na aplicação entre análise qualitativa e quantitativa, precursora para a Teoria Sociológica (e para a Sociologia

como um campo de conhecimento científico); e, um exemplar de Sociologia das Relações Raciais.

A mais evidente é, necessariamente, aquela que apresenta como um dos trabalhos fundadores do campo da Sociologia da Religião, visto que sua publicação em 1903, antecede *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (1904), *Religião na China* (1915) e *Religião na Índia* (1916), de Weber; e *As Formas Elementares da vida religiosa* (1912), de Durkheim. Certamente, *A Democracia na América* (1835), de Tocqueville e *A Questão Judaica* (1843) de Marx e Engels, anteciparam reflexões sobre religiosidade nas organizações sociais modernas, contudo sem o tom central que configurasse uma sociologia da religião como um projeto, tal como apresentado por Durkheim e Weber.

Mas todas as chaves, em associação, permitem compreender a dimensão dessa obra para além de um trabalho meramente temático. Em *A Igreja Negra* estão apresentados todos os elementos que a tornaram pioneira em um campo em construção e nos permitem questionar o, até então inquestionável, cânone.

No Brasil, Marx, Durkheim e Weber, com suas obras seminais são frequentemente apresentados como pais fundadores de uma Sociologia, nascidoura no século XIX. Contudo, essa eleição não é feita sem obliterações que mantiveram pensadores e pensadoras à margem; em um projeto de esquecimento, perceptível em três dimensões.

A primeira, daqueles autores que sabemos existir, conhecemos a relevância, mas que orbitam entre os considerados clássicos, sem o mesmo protagonismo. Aqui está a frequente desconsideração a Tocqueville como um pai fundador. Na mesma medida, Comte é usualmente mencionado

como mentor de Durkheim; e Simmel, contemporâneo a Weber, está longe do triunvirato que organizou o campo da sociologia, não obstante tenha sido o intelectual inspirador da Escola de Chicago, conforme assegurou Becker: “antropologicamente falando, descrevi minha linhagem na seguinte ordem: Simmel, Park, Hughes, Becker. Muito obrigado” (Becker, 1996: 188). Ainda no entorno de Weber é notória a secundarização da obra e atuação de sua esposa, Marianne Weber.

Na segunda estão *autores que sabemos existir, mas desconhecemos a relevância, pois são periféricamente mencionados*. Eles nunca são apresentados como parte organizadora do campo, apenas como autores de trabalhos temáticos, como *Les Ouvriers Européens* (1855), de Le Play, e *Life and Labour of the People*, de Charles Booth (1889). Henry Mayhew, considerado um “precursor da pesquisa qualitativa” (Nunes, 2012), também se inclui nesse grupo. Esses autores utilizaram enquetes, realizaram *surveys* e produziram dados e teorias para investigar a pobreza na França e na Inglaterra do século XIX.

Por fim, encontramos aqueles que, *nem todos sabem que existem, e que, embora sejam mencionados em algumas obras pontuais, foram totalmente esquecidos como formadores do campo científico da Sociologia*. Aqui, se encontram a inglesa Harriet Martineau (que vem sendo resgatada no Brasil), o haitiano Anténor Firmin; a indiana Pandita Ramabai; o mexicano Manuel Gamio e, evidentemente, Du Bois, por muito tempo restrito à uma sociologia das relações raciais e citado, sobretudo, por autores pós-coloniais como Appiah (1997) e Gilroy (2002). E, por coincidência, este último grupo tem algo em comum: sua explícita condição dissonante da mística do intelectual fundador “homem-branco-europeu”.

Por essa razão, considerar *A Igreja Negra* não é meramente iluminar a obra de um autor ou apresentar o trabalho seminal de um intelectual negro, tampouco é apresentar um livro temático escrito e publicado no mesmo momento em que alguns autores construía um projeto de Sociologia como disciplina científica. Em realidade, é conferir-lhe protagonismo e, em certa medida, pioneirismo na fundação dessa ciência.

Nessa obra está apresentado um esforço de produção de conhecimento racional e científico, não meramente especulativo, que dá substância a uma sofisticada agenda de investigação. Estão ali todos os elementos que organizaram o campo: metodologicamente, *A Igreja Negra* apresenta uma conjugação entre análises qualitativa (com pesquisa documental e realização de entrevista estruturada) e quantitativa (com *surveys* e utilização de dados do censo) utilizadas para a realização de pesquisa empírica.

Teoricamente, antecipa as reflexões que inquietaram seus contemporâneos: a preocupação com os efeitos e impasses gerados pela passagem de um modelo de sociedade tradicional para as sociedades modernas, assim como os impactos de uma ordem individualista. Do mesmo modo, estão apresentadas as análises sobre a importância de práticas associativas e sobre os problemas de integração e coesão social, que inquietaram autores como Durkheim, em *Da Divisão do Trabalho Social* (1893) e n’*O Suicídio* (1897), e Tocqueville, em *A Democracia na América* (1835).

Até esse ponto, *A Igreja Negra* encontra-se no mesmo diapasão que o dos teóricos que fundaram a Sociologia. Sua excepcionalidade (outro, e fundamental, ponto que faz com que a obra seja

pioneira em seu tempo) aparece quando promove um disruptivo diálogo com as teorias do determinismo biológico e do racismo científico. Ainda que por vezes adote a categoria “primitivo”, Du Bois não considera a religião essencialmente como uma debilidade, tampouco como uma permanência de formas ultrapassadas e superadas de sociedade. Ao contrário, em *A Igreja Negra*, a religião é vista como um elemento de integração dos negros em um contexto de modernidade.

Aqui, Du Bois, ao contrário da alteridade produzida pela Sociologia, e, sobretudo, pela Antropologia da época, apresenta o negro como sujeito não exótico e com capacidade de agência e de organização em congregações que atuariam como legítimas instituições de manutenção de uma “vida racializada”, como apresentado no Relatório da Terceira conferência de Atlanta, em 1898 (Du Bois, 2024: 9). Do mesmo modo, conseguiriam estabelecer práticas associativas diante das interferências de sociedade atravessada por preconceito, discriminação e desigualdade racial.

Igualmente, a religião negra analisada não aparece como exógena e peculiar. E, esse conjunto de considerações, ilumina a presença negra na fundação

da modernidade, e não como existência à parte. Nisto, Du Bois não encontra par entre seus contemporâneos.

Assim, neste momento em que *Igreja Negra*, de Du Bois, é traduzida e lançada, a velha, tradicional e hegemônica forma de apresentar a fundação da sociologia está em ruínas. Esse livro consegue, ao mesmo tempo, inserir um autor negro não europeu entre os fundadores do campo disciplinar; evidenciar que raça esteve na origem de um projeto de sociologia, sem os contornos do racismo científico e, igualmente, apontar as reflexões sobre raça (e a presença de pessoas negras) na narrativa da modernidade. Certamente, Durkheim, Weber e Marx continuarão leituras clássicas, importantes e obrigatórias. Contudo, já não podem figurar como um triunvirato inquestionável a organizar um campo de conhecimento. Entre outros nomes, emerge o de Du Bois com sua *Igreja Negra*, uma igreja construída ontem sobre as ruínas atuais das antigas narrativas sociológicas.

Editor responsável:
Andre Bittencourt

Recebida em 30/11/2024
Aprovada em 11/12/2024

Andréa Lopes da Costa é socióloga. Professora Associada IV na Escola de Ciência Política da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (ECP/UNIRIO). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Memória Social (PPGMS/UNIRIO). Professora Permanente no Mestrado em Ciência Política (PPGCC/UNIRIO). Coordenadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Políticas Públicas e Desigualdades Sociais. Coordenadora do Grupo PET-Ação Afirmativa. Coordenadora do Comitê de Pesquisas em Sociologia das Relações Étnico Raciais na Sociedade Brasileira de Sociologia - SBS (2021-2025) e Integrante do Comitê de Gênero, Raça e Etnia da Associação Brasileira de Ciência Política - ABCP (2024-2026).

REFERÊNCIAS

Alatas, Syed Farid, & Sinha, Vineeta (org.). (2023). *A teoria sociológica para além do cânone*. São Paulo. Editora Funilaria.

Appiah, Kwame Anthony. (1997). *Na casa de meu pai: A África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto.

Becker, Howard. (1996). A escola de Chicago. *Mana*, 2/2, p. 177-188. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-93131996000200008>

Castro, Celso (org.). (2022). *Além do cânone: para ampliar e diversificar as ciências sociais*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Du Bois, W. E. Burghardt. (2024). *A Igreja Negra*. São Paulo: Editora Recriar.

Durkheim, Emile. (1995[1893]) *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes

Durkheim, Emile. (1995[1897]) *O Suicídio*. São Paulo: Martins Fontes.

Durkheim, Emile. (1996[1912]) *As Formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes

Gilroy, Paul. (2007). *O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34.

Marx, Karl, & Engels, Friedrich. (2004[1843]). *A questão judaica*. São Paulo: Martin & Claret.

Nunes, Everardo Duarte. (2012). *Henry Mayhew: jornalista, investigador social e precursor da pesquisa qualitativa*. *História, Ciências, Saúde*, 19/3, p. 933-950. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702012000300009>

Tocqueville, Alexis de. (1987[1835]). *A democracia na América*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp.

Weber, Max. (1967[1916]) *The religion of India: the sociology of hinduism and buddhism*. London: The Free Press, Collier-Macmillan.

Weber, Max. (1968[1915]). *The religion of China: confucianism and taoism*. London: The Free Press, Collier-Macmillan.

Weber, Max. (1994[1904]) *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira.